

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ENZO FEITOSA PEIXOTO

**AS CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS DO BULLYING PARA AGRESSORES:
uma análise do filme 'A voz do Silêncio: *Koe no Katachi*'**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

ENZO FEITOSA PEIXOTO

**AS CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS DO BULLYING PARA AGRESSORES:
uma análise do filme 'A voz do Silêncio: *Koe no Katachi*'**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Joel Lima Júnior

ENZO FEITOSA PEIXOTO

**AS CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS DO BULLYING PARA AGRESSORES:
uma análise do filme 'A voz do silêncio: *Koe no Katachi*'**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 02/12/2024

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Me. JOEL LIMA JÚNIOR

Membro: Profa. Esp. ALLINE LEITE GARCIA FONTENELE

Membro: Prof. Dr. JOAQUIM IARLEY BRITO ROQUE

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

AS CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS DO BULLYING PARA AGRESSORES: uma análise do filme 'A voz do silêncio: *Koe no Katachi*'

Enzo Feitosa Peixoto¹
Joel Lima Júnior²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar os fatores e consequências psicossociais que influenciam o fenômeno do *bullying*, tendo como base a análise do filme *A Voz do Silêncio: Koe no Katachi* e a trajetória de Shōya Ishida como agressor, que oferecem uma análise crítica das influências sociais, expectativas culturais e falhas na estrutura educacional e familiar na formação do agressor. Explorando como essas experiências podem levar à autorreflexão e à transformação, evidenciando a importância do apoio social e da empatia na superação de traumas, bem como a compreensão e humanização do agressor como ponto de reflexão e autocrítica, reconhecendo-os como pessoas que sofrem e são dignas de ajuda. Compreender os agressores não significa justificar seus atos, mas reconhecer que abordagens punitivas são insuficientes para romper ciclos de violência. O estudo também discorre sobre temas como a pessoa surda, inclusão escolar da pessoa com deficiência no Brasil e consequências psicológicas para vítima/agressor. A análise do filme sugere que processos de autorresponsabilização e autoperdão, aliados ao fortalecimento das redes de apoio, são essenciais para a recuperação emocional e para prevenir novas violências ou consequências irreversíveis. Esse enfoque humanizado contribui para transformar agressores em agentes de mudança, promovendo impacto positivo no sujeito e na sociedade.

Palavras-chave: Bullying; Vítima/Agressor; Consequências Psicológicas; Autorresponsabilidade; A voz do Silêncio.

ABSTRACT

The aim of this work is to analyze the psychosocial factors and consequences that influence the phenomenon of bullying, based on the analysis of the film *A Silent Voice* and the trajectory of Shōya Ishida as an aggressor, which offer a critical analysis of social influences, cultural expectations and failures in the educational and family structure in the formation of the aggressor. Exploring how these experiences can lead to self-reflection and transformation, highlighting the importance of social support and empathy in overcoming trauma, as well as understanding and humanizing the aggressor as a point of reflection and self-criticism, recognizing them as people who suffer and are worthy of help. Understanding aggressors does not mean justifying their actions, but recognizing that punitive approaches are insufficient to break cycles of violence. The study also discusses topics such as the deaf person, school inclusion of people with disabilities in Brazil and the psychological consequences for victim/aggressor. The analysis of the film suggests that processes of self-responsibility and self-forgiveness, combined with the strengthening of support networks, are essential for emotional recovery and for preventing further violence or irreversible consequences. This humanized approach helps transform aggressors into agents of change, promoting a positive impact on the individual and on society.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: enzocpeixoto@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: joellima@leaosampaio.edu.br

Keywords: bullying; victim/aggressor; psychological consequences; self-responsibility; A
Silent Voice

1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho, buscou-se considerar as consequências psicológicas do *bullying* tendo como ponto de análise a animação de longa-metragem nipônica: *A Voz do Silêncio: Koe no Katachi*³. A obra de autoria de Yoshitoki Ōima, com direção de Naoko Yamada e roteiro de Reiko Yoshida, acompanha os personagens Shōya Ishida e Shōko Nishimiya desde a infância até o início da vida adulta. No enredo, a personagem Shōko se torna alvo de *bullying* por ser surda, e Shōya acaba se tornando seu maior agressor. Ao longo da obra são apresentados assuntos como o *bullying* e as suas consequências, inclusão e acessibilidade da pessoa surda, contexto psicossocial, estrutura familiar, estrutura educacional, saúde mental, amizade, autorresponsabilização e perdão.

Nesse sentido, torna-se imprescindível contextualizar o tema do *bullying*, compreendendo sua natureza, impacto e complexidade nas relações interpessoais e na saúde mental dos envolvidos. O *bullying* foi definido pelo decreto de Lei número 13.185/15 (Brasil, 2015) como intimidação sistemática, envolvendo violência física ou psicológica em atos de humilhação ou discriminação. A classificação também inclui ataques físicos, insultos, ameaças, comentários e apelidos pejorativos, entre outros.

Essas ações podem ocorrer em diversos contextos, como escolas, ambientes de trabalho, comunidades virtuais, grupos presenciais ou virtuais. Essas ações geralmente envolvem um desequilíbrio de poder entre o agressor e a vítima. Dessa forma, o *bullying* pode causar danos psicológicos e emocionais tanto às vítimas como aos agressores, afetando seu bem-estar, autoconceito e interações sociais. Vale destacar que, no contexto contemporâneo, o *bullying* é um fenômeno que perpassa limitações geográficas e culturais, podendo estar presente no mundo inteiro e atingir diferentes segmentos da sociedade (Brasil, 2015; Díaz e Moreu, 2012).

A partir de uma análise filmica, o trabalho teve como pergunta de partida como o ato de praticar o *bullying* afeta psicologicamente o agressor, conforme apresentado no filme *A Voz do Silêncio? Visto que a autora e a diretora do filme “A Voz do Silêncio: Koe no Katachi”*, trazem em suas obras (a autora Yoshitoki Ōima também escreveu um mangá de

³ O filme em questão é reconhecido por três títulos no Brasil: *A Voz do Silêncio*, *A Voz do Silêncio: Koe no Katachi* e *A Forma da Voz*. A escolha do título como “*A Voz do Silêncio: Koe no Katachi*” se dá pela diferenciação de outra obra filmica lançada posteriormente com o mesmo nome de lançamento do filme em questão: “*A Voz do Silêncio*”. Todavia, para otimização do trabalho foi escolhido o título “*A Voz do Silêncio*” para referenciar as cenas na discussão do filme.

nome *Koe no Katachi* que deu origem ao filme dirigido por Naoko Yamada) os temas sobre o *bullying* e suas consequências, bem como a jornada de autorresponsabilização e compaixão.

Decerto, a importância e interesse desse artigo em nível pessoal, foi fomentada pela soma de estudos nas áreas da psicologia escolar, educacional e a teoria e prática envolvendo grupos, mas também por relatos diversos sobre como a prática do *bullying* afetou e afeta a vida de pessoas que vivenciaram tal fenômeno. Assim, o trabalho ofereceu uma oportunidade para entender como o *bullying* impacta a vida das pessoas, refletindo experiências e melhor visualizando a aplicação prática das teorias psicológicas.

Para o campo acadêmico, o estudo é relevante por explorar as implicações do *bullying* especificamente para os agressores, um aspecto crucial que muitas vezes é negligenciado, mas fundamental para estudantes da Psicologia compreenderem o ciclo de violência e a dinâmica de transformação comportamental nesse contexto. Socialmente, o artigo contribui para a conscientização sobre o *bullying*, utilizando o filme como um meio para ilustrar e discutir as consequências desse fenômeno, onde também visibiliza o agressor como sujeito que também necessita de cuidado. Ademais, isso poderia influenciar e facilitar a criação de políticas e intervenções mais eficazes, promovendo uma abordagem mais abrangente e informada para a prevenção e tratamento do *bullying* na sociedade.

O **objetivo geral** deste trabalho é compreender as consequências psicológicas da prática do *bullying* para quem o pratica, conforme representado no filme *A Voz do Silêncio: Koe No Katachi*. Para alcançar esse objetivo, a pesquisa se desdobra em quatro **objetivos específicos**: analisar como os fatores psicossociais retratados no filme contribuem para a ocorrência de *bullying*; identificar estratégias da estrutura educacional apresentada na obra para lidar com o *bullying*; verificar como a dinâmica familiar do agressor influenciou para o comportamento abusivo e sua relação com o *bullying*; e, por fim, discutir a tomada de consciência do agressor no tocante da autorresponsabilidade em relação às suas ações no contexto do *bullying*. Esses objetivos visam fornecer uma compreensão abrangente das várias dimensões que afetam o comportamento dos agressores e suas implicações, tanto no âmbito individual quanto social.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

O trabalho aqui apresentado, caracteriza-se como uma pesquisa descritiva exploratória, visto que, “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses.” [...] Dessa forma, “têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições”, mas que também possui elementos que consistem na “descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”(Gil, 2002, p. 41-42).

Para contemplar o propósito da pesquisa e o entendimento acerca dos objetivos demarcados, o presente trabalho se deu de forma qualitativa e teve uma fonte de informações com caráter bibliográfico, onde “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2002, p. 44).

Em concordância com essa classificação, foi realizada uma análise filmica para discutir, contextualizar e descrever temáticas relacionados aos dados levantados durante a pesquisa bibliográfica com a análise de cenas destacadas do filme “A Voz do Silêncio: *Koe No Katachi*”. O objetivo da análise filmica é o de explicar através da decomposição da obra e da compreensão das relações entre os elementos descritos através dessa decomposição e os dados levantados. Apesar de não haver uma metodologia única, a decomposição pode ocorrer através de imagem, som, composição e a estrutura apresentada durante o filme (Aumont, 1999; Vanoye, 1994; Penafria, 2009).

Assim, o filme se torna fonte de informações que traz a possibilidade de identificar e catalogar cenas chave que ilustram os diversos contextos psicossociais que contribuem para a formação do agressor, bem como a jornada de autoperdão e autorresponsabilização frente ao bullying.

Os dados presentes no trabalho foram coletados em livros e artigos obtidos por base de dados como o PePSIC (Periódicos Eletrônicos de Psicologia), SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) e Google Acadêmico. Assim, os critérios de inclusão utilizados foram livros e artigos em línguas portuguesa, inglesa e espanhola, entre o período de 2019 a 2024, utilizando como palavras chave: *bullying, agressor, consequências psicológicas, análise filmica e autorresponsabilidade*.

2.2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.2.1 Sinopse da Animação

O filme “A Voz do Silêncio: *Koe no Katachi*” (Yamada, 2016) apresenta uma narrativa central sobre o fenômeno do *bullying* escolar e a jornada de autorresponsabilização e autoperdão, atravessando temas como as consequências do *bullying* para vítima e agressor, inclusão, dinâmica familiar, suicídio, amadurecimento, amizade e conexão. A obra propõe dramatizar a história tanto da vítima quanto do agressor, onde entrega uma jornada que possibilita o espectador pensar sobre temáticas como o *bullying* e suas consequências, mas também instigando sentimentos como empatia e simpatia tanto pela vítima, quanto pelo agressor.

O longa introduz Shōya Ishida e Shōko Nishimiya como os protagonistas da obra, onde Shōya é um garoto de certa forma popular que cursa o ensino fundamental e Shōko é uma garota que chega na turma como uma aluna transferida surda e se comunica através de escritas em um caderno e pela língua de sinais japonesa. Inicialmente, os colegas dos protagonistas a recebem com certa curiosidade e estranhamento, mas tentam integrar a nova aluna à turma, onde ajudavam copiando a matéria da aula, emprestando cadernos e alguns estavam dispostos a aprender a língua de sinais pela própria Shōko.

Com o passar do tempo, a obra aponta dificuldades entre alunos para conciliar a integração da nova aluna com o ambiente da turma e seus deveres individuais e acabam praticando *bullying* com a recém chegada, onde Shōya se torna o seu principal agressor. Shōko começa a sofrer *bullying* verbal e de exclusão, porém, Shōya escala o fenômeno para diferentes tipos de *bullying*, onde há tortura psicológica e até mesmo violência física. Shōya xinga, escreve coisas maldosas no quadro da sala, no caderno e na carteira de Shōko, zomba da fala da mesma e começa a quebrar ou atirar no rio os aparelhos auditivos, gerando danos psicológicos, físicos e materiais a garota.

O cenário só muda quando Shōya machuca Shōko de forma grave, ponto em que a mãe da mesma toma providências com a escola pelos danos aos aparelhos auditivos que são caros, demonstrando que Shōya danificou 8 aparelhos em 5 meses. Com a confrontação do diretor e professor, a turma entrega Shōya como o bode expiatório, onde depositam toda a culpa nele e que o mesmo passou dos limites. Com isso, o principal alvo de *bullying* se torna Shōya, que agora é excluído e sofre *bullying* por seus colegas, também passando por tortura psicológica e violência física. Assim, Shōko é transferida, mas a obra ressalta que Shōko nunca revidou as agressões e esforçou-se ao máximo para criar amizade e boa convivência com os colegas, bem como Shōya que não revida e se isola.

A animação retoma a história com Shōya nos anos finais do ensino médio, que continua sofrendo *bullying* por ser considerado um *bully*, uma má pessoa ou má influência,

sendo ignorado e mal falado por muitos. A animação deixa muito nítido quando insere um “X” nos rostos dos personagens que interagem com Shōya, que o mesmo não consegue olhar no rosto ou encarar os mesmos, sempre olhando para baixo e fugindo de interações. Essa não é a única consequência apontada, o mesmo faz um planejamento que consistiu em trabalhar e vender seus objetos pessoais para pagar a sua mãe pelo prejuízo financeiro que lhe causou pelos aparelhos auditivos quebrados e buscar uma expiação pelos seus atos, onde encerraria a sua vida em determinada data pulando de uma ponte.

Porém, diante da busca por expiação dos seus atos, o garoto voltou a interagir com Shōko, demonstrando que o mesmo aprendeu a língua de sinais e manteve o caderno da garota para lhe devolver, revelando uma jornada de autoperdão e reparação. Com o contato com Shōko e o confronto com sua mãe, o protagonista desistiu do suicídio, onde dedicou seus esforços a reparar os danos causados à menina e desenvolver uma amizade com a mesma. Assim, a obra apresenta Shōya retomando as conexões humanas e desenvolvendo amizades, bem como as consequências psicológicas dos longos anos de *bullying* vivenciados por Shōko. Tais consequências são apresentadas com a dinâmica familiar da protagonista, onde sua irmã coloca fotos de animais mortos para demonstrar o que é a morte para irmã, em forma de tentativa de subverter a idealização de suicídio da primogênita.

Durante o percurso do longa animado, Shōya constrói, destrói e reconstrói conexões com figuras importantes da sua história, tentando criar um ambiente bom para si e para Shōko. Porém, após a perda da sua avó e uma conflitos no grupo, Shōko movida pelo sentimento de culpa, e de ser um “peso” para as pessoas, tenta suicídio atirando-se do seu prédio, mas é salva por Shōya que a segura e lhe mantém em segurança. Porém, a ação custou a queda de Shōya do prédio, que cai em águas e se machuca gravemente, entrando em coma. Depois de algum tempo, consegue se recuperar, abrindo seu coração para a garota, explicando tudo o que realmente sentia, desejando firmar uma amizade e ajudar a garota para a sua vida. E assim, ao final do filme, a obra desvela o momento de reintegração dos protagonistas e o autoperdão de Shōya.

2.2.2 O Fenômeno do *Bullying*

A origem do *bullying* como termo científico é atribuído aos trabalhos do psicólogo sueco-norueguês Dan Olweus, através das suas pesquisas que originaram os livros “*Aggression in the Schools: Bullies and Whipping Boys*” (1978) e “*Bullying at School: What We Know and What We Can Do*” (1993). O autor define a prática de violência como *bullying*

e o ato de sofrer essa violência como *victimization* (vitimização), onde o “vitimizado” (*victimized*) é exposto a ações negativas repetidamente ao longo do tempo por um indivíduo ou por um grupo (Olweus, 1993).

O autor também defende que é importante nomear esse fenômeno de violência por ser possível gerar uma definição clara desses atos e suas consequências para os estudantes, possibilitando assim um melhor entendimento sobre o fenômeno e questões que o cerciam. É importante ressaltar que as práticas de violência que hoje são caracterizadas como *bullying* são anteriores à própria definição do fenômeno, ou seja, tal fenômeno já existia, porém não era uma área amplamente pesquisada, visibilizada ou alvo de intervenções (Olweus, 1993).

As consequências causadas também são observadas através dos trabalhos de Dan Olweus, onde o mesmo apresenta relatos modificados da imprensa em seu livro “*Bullying at School: What We Know and What We Can Do*” (1993), que relatam práticas reais de violência contra crianças e adolescentes entre 10 e 16 anos, que apresentam certas consequências. Tais consequências vão desde começar a odiar ir à escola, ao isolamento, a danos à autoconfiança e autoconceito, até o suicídio (Olweus, 1993).

Segundo Limber, Smith e Breivik (2021), em 1982, Olweus deu início ao primeiro programa de estudo e intervenção contra o *bullying*, que fora motivado pela tragédia na Noruega onde três adolescentes cometeram suicídio por consequências severas do *bullying*. Esses eventos somados formaram a primeira campanha nacional contra o *bullying* na Noruega. Posteriormente, pesquisas na mesma década, apontaram uma forte redução dos casos de *bullying* nas escolas do país.

Também é importante ressaltar, que os atos de *bullying* são caracterizados por ações recorrentes de violência física, verbal ou psicológica contra uma determinada vítima ou grupo, onde apresentam desequilíbrio de poder, independentem de motivações e causam danos físicos, psíquicos, materiais ou financeiros. O *bullying* pode ser realizado de forma direta ou indireta, onde a forma direta é caracterizada por agressões físicas e verbais e a indireta se caracteriza como difamação, humilhação, exclusão e *cyberbullying* (Barros *et al.*, 2009).

Assim, o *bullying* se torna uma violência cíclica, onde os participantes assumem papéis, que são, de vítima, vítima/agressor e o espectador, em que esses papéis podem ser observados no ambiente escolar e para além dele. Nesse ciclo de agressão, os agressores ocupam um papel de praticar violências diretas e indiretas contra a vítima, se sentindo recompensados a curto prazo, mas a longo prazo, podem experimentar consequências desastrosas. As vítimas são caracterizadas por aqueles que não conseguem se defender, dificilmente pedem ajuda e são alvos da agressão, que tendem a apresentar prejuízos a curto e

longo prazo. Já os espectadores são as pessoas que presenciam os atos violentos e nada fazem a respeito, aprendendo a conviver ou silenciando-se aos abusos (Barros *et al.*, 2009, Machado 2011).

No Brasil, o *bullying* tornou-se pauta oficial diante da instituição em todo o território nacional do Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*bullying*) perante a Lei nº 13.185 de 6 de Novembro de 2015, que caracteriza a intimidação sistemática (*bullying*) como qualquer ato de violência física ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo que não há motivo plausível ou aparente, praticado por um indivíduo ou grupo, com uma vítima ou um grupo de vítimas e que objetiva a agressão ou intimidação através de uma relação de desequilíbrio de poder e que cause danos à vítima (Brasil, 2015).

Em consonância, a *American Psychological Association* e através do *APA Dictionary of Psychology* (2018), o *bullying* é definido como um comportamento persistente intimidador e agressivo perante outra pessoa, especialmente contra sujeitos mais jovens, menores, mais fracos ou em alguma situação de desvantagem. O dicionário também trouxe a definição de uma prática que surgiu e foi expandida com o uso da internet, o *cyberbullying*. De acordo com o *APA Dictionary of Psychology* (2018), o *cyberbullying* é definido como o comportamento verbal de ameaças ou de assédio através de instrumentos eletrônicos como celular, email ou mensagens de texto. No Brasil (2015), o *cyberbullying* é definido como uma intimidação sistemática utilizando do meio da rede mundial de computadores para violentar, alterar fotos e interferir com dados pessoais com o intuito de criar constrangimento psicossocial.

No tocante às consequências do *bullying* essas podem apresentar diferenças, para vítima e agressor, mas ambas contam com um grau de sofrimento e prejuízo. As vítimas tendem a evitar o local de agressão, tendem a desenvolver insegurança e um autoconceito negativo, problemas para socializar, desenvolvimento de sintomas depressivos, ansiogênicos e evitativos, bem como tentativas de suicídio. Para os agressores, as consequências podem ser: dificuldades com a lei, dificuldades em relacionamentos afetivos e sociais, ineficiência de autocontrole, possível inserção em costume de delinquência ao longo da vida, vulnerabilidade ao abuso de álcool e outras drogas, mas também podendo desenvolver sintomas depressivos, ansiogênicos e evitativos, através do arrependimento e culpa (Barros *et al.*, 2009).

O comportamento de agressores e vítimas quando confrontados sobre as práticas de violência são opostas, como defende Olweus (1993), o agressor quando confrontado sobre sua participação tende a minimizar suas responsabilidades e aumentar exageradamente a participação dos outros envolvidos, inclusive da vítima, que pode ser colocada pelo agressor como alguém de comportamento agressivo ou provocativo.. O autor aponta ainda que os

agressores também têm facilidade em desviar de situações complicadas por serem mais duros e autoconfiantes.

Contudo, as vítimas quando questionadas sobre as violências, por consequência do *bullying*, demonstram ser pessoas mais ansiosas e inseguras. Esses comportamentos somados ao medo das possíveis consequências para seus agressores e as ameaças constantes colaboram para que as mesmas não denunciem seus agressores, onde comumente há o medo de que a situação piore e as violências aumentem. Porém, o ato de não denunciar causa consequências para ambas as partes, a vítima que pode cada vez mais ter sua situação agravada e sofrer severas consequências físicas e psíquicas; e também a longo prazo para os agressores que não tiveram essa demanda trabalhada e responsabilizada (Olweus, 1993).

O fenômeno do *bullying* pode ocorrer em diversos contextos e em diferentes países ou culturas, tornando-o intercultural. Na contemporaneidade, tal fenômeno é amplamente estudado por diferentes âmbitos da ciência, ora que, a violência pode ocorrer por diversos (des)motivos e atingindo qualquer sujeito que demonstre alguma fraqueza ou esteja fora dos padrões sociais impostos pelos agressores. Essas diferenças acabam sendo o principal alvo do agressor, sejam diferenças físicas, psicológicas ou comportamentais, culminando em um maior número de agressões contra minorias sociais, como a população LGBTQIA+, pessoas com deficiências (PcD), grupos étnico-raciais minoritários, pessoas em vulnerabilidade financeira e demais grupos que estejam em vulnerabilidade social.

2.2.3 A Pessoa com Surdez

Ao discutir sobre a pessoa com surdez, deficiência auditiva, a Língua Brasileira de Sinais (Libras), cultura surda e identidade surda, é importante contextualizar que a população surda sofre e sofreu discriminação e hostilidade durante as diferentes eras da humanidade. Segundo Monteiro (*et al.*, 2016), durante a Idade Antiga, as crianças com deficiências ou deformidades físicas, poderiam ser sacrificadas por lei, bem como também eram vistas como feiticeiros e bruxas. Na Idade Média o tratamento não era muito diferente, pessoas com deficiências diversas eram consideradas impuras, diabólicas ou a encarnação do mal, com destino reservado à tortura e a fogueira, onde posteriormente na idade moderna, os deficientes são entendidos como doentes e na idade contemporânea ainda há discriminação e violência, mesmo com os diferentes movimentos de integração e valores de igualdade e liberdade.

No tangente da caracterização da identidade surda, tradicionalmente vemos o modelo biomédico focando em aspectos clínicos, que define a surdez como uma deficiência

caracterizada pela ausência ou redução da audição a ser diagnosticada e corrigida. Contudo, esse tipo de definição e caracterização costumam ser limitadas e desconsideram a experiência subjetiva e social da pessoa surda (Castro Júnior, 2015).

Em contraste, existe uma abordagem cultural e linguística que valoriza a surdez como uma identidade e uma cultura própria, composta por tradições, valores e uma língua própria, como a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Nesse contexto, as pessoas surdas são vistas como membros de uma comunidade única, com uma linguagem visual e uma visão de mundo particular. Essa visão promove uma compreensão mais ampla, considerando que a surdez não é apenas a ausência da audição, mas sim uma forma distinta de interação com o mundo e de expressão de identidade (Strobel, 2019 *apud* Sousa *et al.*, 2021, p. 125).

No Brasil, o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, onde dispõe como documento jurídico acerca da pessoa surda e a deficiência auditiva, ao que expressa: “considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.” e que, “considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais (...)”.

O Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, também vem como uma conquista para a comunidade surda do Brasil, dispondo sobre os direitos da comunidade surda, ao que se destaca a inclusão da Libras como disciplina curricular, a garantia do direito à educação das pessoas surdas ou com deficiência auditiva, a garantia do direito à saúde das pessoas surdas ou com deficiência auditiva e outras garantias. Outra conquista foi a Lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais, que por sua vez é reconhecida como um meio legal de comunicação e expressão, definida como “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil”.

A importância da língua de sinais perpassa diferentes aspectos da vida para além da comunicação da pessoa surda, como visto, a comunidade surda possui sua própria experiência e visão de mundo, através de uma ótica viso-espacial. Desta forma, Mellon *et al.* (2016) defendem que a exposição precoce da pessoa surda a língua de sinais pode promover maior bem-estar e qualidade de vida, principalmente no campo social e educacional. Silva (2016), aponta que é um direito primordial a pessoa surda ter acessibilidade em aprender a sua língua

materna. Visto que, crianças surdas que são privadas do aprendizado da língua de sinais podem apresentar prejuízos no seu desenvolvimento, principalmente no âmbito social e educacional, pois haverá um afastamento da sua cultura e prejuízos no reconhecimento e formação da sua própria identidade (Araújo, 2018).

O ensino da língua de sinais como L1 (primeira língua) se torna indispensável para a criança surda, pois é por meio desta base que a mesma conseguirá impulsionar sua escolarização, principalmente no que toca o aprendizado da leitura e a produção textual, pois é a partir da língua de sinais que alunos surdos irão interpretar o que é ensinado, através de uma interação bilíngue do texto lido. Nesta perspectiva, assegura-se a ideia que o surdo que tenha contato com a sua língua mãe poderá desenvolver-se com propriedade e respeitando sua identidade e cultura, garantindo seu direito de aprendizagem e integração à escola e a sociedade (Cordeiro, 2021; Karnopp, 2013).

Assim, como um direito garantido por lei e que os estudos demonstram a importância para o desenvolvimento da pessoa surda, compete ao Estado e as instituições escolares a integração e acessibilidade da pessoa surda às escolas e ao ensino continuado através da língua de sinais, dado que a escola se torna uma instituição indispensável na formação e desenvolvimento do ser subjetivo e social. Também previsto em lei no Brasil, deve haver a capacitação dos professores e intérpretes de Libras, a garantia da Libras como uma disciplina curricular e o uso e da difusão da libras e da língua portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação (Brasil, 2005).

Logo, a importância da escola bilíngue e do ensino para pessoas surdas não é pautada apenas na formação escolar, mas também pela potencialização de uma inclusão e preservação da comunidade surda, que por sua vez fomenta o respeito, a acessibilidade e oferece maiores oportunidades para os surdos (Viñal Junior e Bento, 2020). Ademais, a escola também pode desempenhar o papel de facilitador na promoção e desenvolvimento da língua e linguagem da comunidade surda, incluindo as famílias, que por sua vez possam ter orientações, formações e informações no âmbito da concepção da surdez, para um melhor aporte e compreensão do desenvolvimento educacional e social dos seus relativos (Cappellini *et al.*, 2023).

Contudo, quando há falhas na estrutura da educação e inclusão escolar, podemos observar o fenômeno do *bullying* com maior frequência. É possível observar a correlação entre falha escolar e o *bullying* nas pesquisas de Guimarães *et al.* (2021) e Freire (2012), que exploram o fenômeno do *bullying* através de entrevistas com pessoas surdas, onde os estudos relatam que todas as participantes de ambos os estudos sofreram *bullying* escolar. Desta

forma, como uma violência cíclica, as pesquisas apontam que o *bullying* trouxe prejuízos emocionais e sociais para as entrevistadas.

Com a pesquisa de Freire (2012), é levantado a discussão sobre o *bullying* como uma violência cíclica que cansa a vítima, como um fenômeno que nega o outro, em como prejudica as relações e em particular como desrespeita e fere a identidade surda no âmbito individual e social. De acordo com os relatos das entrevistadas, há uma violência repetida com ambas por serem surdas, bem como a negação da própria identidade através de uma violência direcionada pelo fato de ouvirem e conseguirem falar um pouco. Os relatos também apontam uma prevalência do *bullying* verbal e de exclusão, onde os “ouvintes” constantemente assediavam verbalmente ou excluíaam as participantes.

Ainda sobre a pesquisa de Freire (2012), observa-se que há um afastamento das relações sociais por causa do *bullying* e demanda da oralização, havendo um distanciamento e fragilização dos laços com as “pessoas ouvintes” e criando um maior afastamento entre a comunidade surda e a ouvinte. Esse fenômeno pode prejudicar a pessoa surda na formação de novos laços e no seu desenvolvimento social, visto que essa violência repetida possa gerar sequelas na forma e interesse em que se envolvem em futuras relações com a comunidade ouvinte.

Verifica-se, portanto, que as consequências do bullying são diversas, como distorção da autoimagem, isolamento, evasão escolar, desenvolvimento de transtornos psicológicos, suicídio, danos físicos e muitos outros. Para a comunidade surda não é diferente, mas há uma prevalência de uma violência direcionada e focada diretamente a identidade e formação da pessoa surda, causando consequências como distanciamento da comunidade ouvinte, deturpação ou negação da própria identidade, dificuldades de aprendizagem e como relata Anchieta (2020), há maiores taxas de indícios de transtornos psiquiátricos e menor acessibilidade de serviços de saúde para pessoas surdas, vez que no Brasil o comportamento suicida em surdos é desconhecido, entretanto, a maioria dos surdos entrevistados sofrem com pensamentos suicidas.

2.2.4 Escola e Inclusão da Pessoa com Deficiência (em específico a surdez)

A inclusão escolar de pessoas com deficiência é um tema central no contexto das políticas educacionais no Brasil, onde a inclusão escolar é um direito garantido por lei, como previsto no Estatuto da Pessoa com Deficiência, instituído na Lei nº 13.146, de 6 de Julho de 2015 e no Decreto nº 7.611, de 17 de Novembro de 2011, que dispõe sobre a educação

especial e atendimento educacional especializado, bem como a participação do Brasil na Declaração de Salamanca em 1994, organizado pela Organização das Nações Unidas (ONU), onde foi assinado sobre os princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais, resultando no compromisso de 88 países com o desenvolvimento da inclusão e desenvolvimento escolar para pessoas com necessidades educativas especiais.

No que diz respeito à inclusão no Estatuto da Pessoa com Deficiência (2015), que foi instituído no Art. 1, como “Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (...), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania”. O Estatuto da Pessoa com Deficiência (2015) institui no Título II, Capítulo II a Igualdade e a Não Discriminação da Pessoa com Deficiência, especialmente no Art. 4 que garante que “toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação” e no Art. 8 institui como “dever do Estado, da sociedade e da família assegurar à pessoa com deficiência, com prioridade, a efetivação dos direitos” da pessoa com deficiência à educação, à acessibilidade, à informação, à comunicação, ao respeito e entre outros.

No que tange o direito à educação, o Estatuto da Pessoa com Deficiência (2015) dispõe no Art. 27 a educação como um direito da pessoa com deficiência, assegurados por um sistema “educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades (...) segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem”. Também é disposto no parágrafo único do Art. 27 que “é dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação”.

Ainda no Estatuto da Pessoa com Deficiência (2015), o Art. 28 incube ao poder público a criar e desenvolver diferentes estratégias que garantam um sistema inclusivo com um projeto pedagógico que institucionalize atendimento educacional especializado e outras adaptações necessárias para a inclusão e atendimento das características dos estudantes com deficiência. A respeito da inclusão e o acesso da pessoa surda à escola, o Estatuto também garante como dever do poder público no inciso IV do Art. 28 a “oferta de educação bilíngue, em Libras como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas”, no inciso XI a “formação e disponibilização de professores para o atendimento educacional especializado, de tradutores e

intérpretes da Libras, de guias intérpretes e de profissionais de apoio”, bem como a oferta de ensino de Libras no inciso XII.

Como visto, no Brasil, a inclusão da pessoa surda (e outras deficiências), a garantia do seu bem-estar e não discriminação é previsto por lei como um dever do Estado, da família e da sociedade. Na escola não é diferente, o Estatuto da Pessoa com Deficiência (2015) também garante o atendimento em todas as instituições e serviços públicos, dispondo também em lei, que as escolas privadas também têm o mesmo dever de inclusão e adaptação. No entanto, a materialização desses princípios enfrenta desafios significativos, como o *bullying*, que compromete o desenvolvimento educacional e social dos estudantes com deficiências. Nesse contexto, discutir estratégias para lidar com essas questões é essencial para uma escola verdadeiramente inclusiva.

Há uma importante interação entre a família e escola desempenhando um papel no combate ao *bullying* e na promoção da inclusão. A presença da família como parceira ativa no processo educacional favorece o reconhecimento das necessidades específicas dos alunos surdos, enquanto a escola, ao adotar práticas inclusivas, pode fortalecer a convivência respeitosa e o desenvolvimento de habilidades sociais entre os alunos. Com isso, a família e a escola são agentes ativos do combate ao *bullying* e a segregação da pessoa surda, pois são a principal fonte de informação e apoio para os estudantes surdos, onde ambos têm a capacidade de fornecer educação, informação e apoio (Matos *et al.*, 2020).

O fenômeno do *bullying* e a segregação da pessoa surda, ocorrem quando há uma falha do sistema escolar, familiar e dos direitos garantidos no Brasil, visto que são os detentores do dever de garantir o bem-estar e a inclusão da pessoa surda. Ainda que a família possa ser um ponto de apoio para lidar com o *bullying*, no estudo de Oliveira *et al.* (2015) é levantado acerca das relações entre estrutura familiar e o envolvimento de estudantes com o *bullying*, onde explora a possível formação de agressores através de características e realidade das famílias, às práticas parentais, aos estilos parentais, o clima familiar, saúde mental dos pais e violências.

A partir da análise de Oliveira (*et al.*, 2015), observou-se que os contextos familiares em que crianças e adolescentes estão inseridos desempenham um papel significativo na predisposição para o envolvimento, ou não, em episódios de bullying escolar. Visto que o fenômeno do *bullying* perpassa características individuais, tornando-se um fenômeno de composição e experiência coletiva e familiar para vítima e agressor. No estudo em questão, observa-se a possível relação entre uma estrutura familiar com pouco repertório de informações, exposta a vulnerabilidades socioeconômicas, com prática ou exposição à

violências, têm maior associação com alunos agressores. Em contrapartida, famílias com melhor clima familiar e envolvimento afetivo nas atividades em geral dos filhos, têm um número significativamente menor de envolvimento como agressores e maior possibilidade de quebra do ciclo de violência.

O ambiente escolar e familiar também têm ampla influência no comportamento de vítimas e agressores, onde podem ser os agentes ativos ou passivos de ambientes e comportamentos propícios ao *bullying*. Diante da falha das responsabilidades e direitos preconizados em lei, e ainda que o fenômeno do *bullying* se instaure em um contexto escolar, há a possibilidade de enfrentamento, redução de danos e o combate ao *bullying* através de estratégias para lidar com a prática. Essas estratégias podem partir do âmbito familiar ao escolar, do individual ao coletivo e podem alcançar agressores e vítimas de *bullying* (Oliveira *et al.*, 2015; Matos *et al.*, 2020; Mezzalira *et al.*, 2021).

A família e a escola, ao tornarem-se agentes ativos na transformação do ambiente e comportamento do estudante, podem de forma significativa reduzir a incidência e fomentar o combate ao *bullying*, uma vez que essas ações podem impactar de forma benéfica tanto para a vítima quanto para o agressor. Os estudos de Matos *et al.* (2020) e Oliveira *et al.* (2015) mostram que características familiares estão relacionadas a comportamentos como o *bullying*. Assim, há também fatores protetivos nas relações familiares, como estilos parentais mais adequados ao desenvolvimento da criança, a partir do investimento de tempo, educação, supervisão, afeto e o desenvolvimento de um ambiente doméstico seguro e com uma boa comunicação.

Portanto, a família desempenha um papel estratégico para lidar com o *bullying*, e especificamente no desenvolvimento do estudante surdo, poderá investir tempo e afeto para compreender e desenvolver a identidade e cultura surda juntos aos seus filhos e a escola. Dessa forma, aliados a escola poderão desenvolver estratégias pautadas em desenvolver um ambiente acolhedor e seguro, utilizando de propostas alinhadas ao método do educador brasileiro Paulo Freire (2000), que visa a construção do aluno como sujeito valorizando suas próprias características e vivências, bem como agente ativo na construção do saber junto aos demais participantes e distante de hierarquias, utilizando do diálogo como ferramenta motriz de desenvolvimento do sujeito crítico e modificador do seu ambiente.

Paulo Freire (2000) também defende que quando não há uma educação libertadora ou problematizadora, o desejo do oprimido é tornar-se o agressor, visto que há uma relação entre ambientes violentos e o ciclo de violência, a educação libertadora pode ser uma estratégia para lidar com o *bullying*. Dito isto, a construção do saber em conjunto com pares e

professores poderá privilegiar o desenvolvimento do ambiente escolar propício ao desenvolvimento da pessoa surda e da diminuição do *bullying*, onde as estratégias poderiam ser respaldadas no método de Freire e contar com a participação da escola e alunos para fomentar a informação, a inclusão e o desenvolvimento crítico dos próprios alunos (Freire, 2000; Oliveira *et al.*, 2015).

Ademais, a escola também deve garantir direitos da pessoa surda que ajudam o combate do *bullying* como previsto em lei, como a inclusão da Libras como currículo obrigatório em escolas bilíngues, o treinamento e desenvolvimento dos docentes para um ensino inclusivo, o ensino de Libras para a equipe multiprofissional, o desenvolvimento de um Projeto Pedagógico visando o combate do *bullying* e a inclusão da pessoa com deficiência (Brasil, 2002; 2005). A escola também pode realizar intervenções pedagógicas e psicológicas, utilizando métodos como os Círculos de Cultura (2011). Além disso, pode investigar e levantar concepções de *bullying* no ambiente escolar, identificar casos e ampliar a visibilidade entre a equipe multiprofissional, visto que muitos casos de *bullying* são invisibilizados pela falta de conhecimento das agressões ou pela falta de expertise da equipe em identificar e intervir. Com isso, equipe e alunos podem, de forma colaborativa, construir estratégias eficazes para lidar com o *bullying* (Mezzalira *et al.*, 2021; Freire, 2011; Brandão Neto *et al.*, 2020).

2.2.4 Discussão do Filme

O filme *A Voz do Silêncio: Koe no Katachi*, dirigido por Naoko Yamada (2016) aborda diferentes temas, entretanto, a própria diretora afirmou em entrevista à *Cartoon Brew* (2017) que o filme não tem como tema principal o *bullying* e a inclusão da pessoa surda, que a mesma procurou não ter uma visão injusta sobre os personagens e sim uma construção baseada em respeito e em como os personagens vivenciam e pensam sobre o mundo, afirmando que “o filme é sobre a natureza geral do ser humano” (tradução nossa).

É importante ressaltar que o longa nipônico é dotado de referências, simbolismos, estilos e temas da cultura japonesa e de outras culturas, bem como há presença de músicas e traços de arte que enriquecem a obra com significados e simbolismo. Desses elementos, pode ser destacado a trilha sonora *A Shape of Light* (2016) que utilizou de recursos para captar a vibração do som do piano, referenciando a importância da vibração para pessoas surdas, e a música do início do filme *My Generation* (1965) da banda *The Who* que pode ser interpretada como a rebeldia e as características e choque de gerações.

Assim posto, o filme entrega a história de Shōya Ishida perante a sua própria vivência e pensamento, separando-a em dois arcos temporais, quando criança no ensino fundamental e na transição de adolescente para a vida adulta, no fim do ensino médio. O personagem (adolescente) e a história de Shōya são apresentados no início do filme com o planejamento e tentativa de suicídio do protagonista, onde o mesmo vende suas coisas e saca todo o seu dinheiro, marcando o “dia final” como a data 15 de Abril (A voz do Silêncio, 00:00:54 - 00:02:05).

Ainda no início do filme, a história do personagem é desenvolvida com cenas da sua infância, marcada pela apresentação de Shōko Nishimiya, da violência sistemática que o mesmo protagonizou contra Shōko e do *bullying* que o mesmo foi vítima (A voz do Silêncio, 00:00:55 - 00:22:57). No arco da infância dos protagonistas, o longa apresenta o fenômeno do *bullying* em suas diferentes características e modalidades descrito por Olweus (1993) e Barros *et al.* (2009), as cenas são marcadas por ações recorrentes de violência direta e indireta, pelo desequilíbrio de poder e os diferentes danos físicos, psíquicos e materiais.

Observa-se o *bullying* indireto descrito pelos autores em cenas da animação como o momento que Shōya humilha Shōko para os colegas e professor “imitando” de forma maldosa a fala da colega, a exclusão da mesma por suas colegas (A voz do Silêncio, 00:08:30 - 00:09:45), diversas cenas em que suas colegas fazem comentários maldosos a respeito dela ou de Sahara, colega que se dispõe a aprender a Shuwa (Língua Gestual do Japão) e ofensas escritas no quadro, carteira e caderno, como a cena que Shōya culpa a garota pela transferência de Sahara (A voz do Silêncio, 00:12:18).

Não obstante, o *bullying* direto também aparece nas cenas, marcadas por violência física, danos materiais e financeiros, onde o protagonista bate em Shōko com vassoura, joga água, rasga e molha o seu caderno, tira seus aparelhos auriculares e os arremessa em diferentes lugares, chegando ao estopim quando o mesmo machuca a orelha da protagonista ao ponto de sangrar (A voz do Silêncio, 00:13:56 - 00:15:37). A partir desse momento, há uma reviravolta com o confronto da mãe de Shōko com a escola, onde só então a escola toma providências com o *bullying* vivenciado pela garota, onde Shōya é entregue pelo professor e pela turma como o culpado por tudo. Assim, Shōya se torna o bode expiatório, mesmo que seus colegas também fizessem *bullying* com Shōko por ser surda.

Ao ser apontado como bode expiatório, o garoto se torna o alvo do *bullying* de seus colegas, onde também passa pela mesma violência cíclica que causou a Shōko, tanto como tortura psicológica quanto violência física. Logo, a cena da tomada de consciência de Shōya dos seus atos é revelada quando a sua mãe tem que pagar pelos danos financeiros à mãe de

Shōko e a mesma é agredida da forma que ele agrediu a menina, assim, a sua mãe também pede que o mesmo seja um bom menino (A voz do Silêncio, 00:20:19). Esse evento somado a passar pela mesma experiência do *bullying* como agressor e vítima, lhe proporcionou o repertório para sua tomada de consciência e o início da sua jornada de autorresponsabilidade.

Nota-se que, no filme, a escola não ajuda diretamente na inclusão da nova aluna, deixando para que os alunos a fizessem. Tão pouco é realizado adaptações do modelo convencional para suas necessidades ou o ensino da língua de sinais como disciplina obrigatória, onde apenas houve uma introdução do que era a *Shuwa* e apenas uma aluna demonstrou interesse voluntário de aprender e a própria Shōko lhe ensinaria. A estrutura escolar falha de forma gravíssima na inclusão de uma estudante surda, onde não desenvolve e explica sobre a surdez, a cultura surda, a identidade surda e a integração desta em um ambiente de “ouvintes”, falhando novamente ao não tomar providências ou intervenções sobre o *bullying* sofrido tanto por Shōya quanto por Shōko.

A cena em que Ishida é elencado como o bode expiatório também demonstra que o professor da turma estava ciente do *bullying* sofrido pela garota, onde ele cita Shōya como o principal agressor e menciona outros colegas (A voz do Silêncio, 00:16:52). Não só o professor foi um espectador, como também foi conivente com as agressões, visto que é a autoridade competente da turma. Francisco e Libório (2013 *apud* Mezzalira, 2021), em sua pesquisa levantam que que atitudes inatistas, imediatistas e classificatórias corroboram para a manutenção do *bullying*, principalmente quando há o entendimento de um professor que as partes envolvidas devem se resolver entre si, poupando de administrar o conflito.

Ainda assim, a “resolução” apontada pelo filme, em a escola apenas confrontar o agressor e deixar que as famílias se resolvessem, abriu uma lacuna para que Shōya Ishida sofresse *bullying*, visto que não foi uma intervenção com o intuito de educar e promover o bem-estar entre os alunos, gerou um novo “motivo” para o *bullying* - um aluno reconhecido como agressor. Assim como há nos estudos de Paulo Freire (2000), quando uma educação não é libertadora fomenta-se a opressão, a falha da escola poderia ser contornada com intervenções de cunho pedagógico e psicológico, onde poderiam capacitar os professores e promover a informação e a cultura de paz junto aos alunos, a falha da escola como instituição geradora de informação e bem-estar gerou uma nova cadeia de agressão e por sua vez, novos agressores (Mezzalira, 2021).

Esses eventos do filme que foram destacados, mostram o fenômeno do *bullying* no Japão, entendido como *Ijime*. O termo compara-se ao *bullying* mas tem sua própria conotação cultural. Culturalmente, o país do sol nascente tem ambos os lados da moeda, a prática do

Shinsetsu (ações associadas a gentileza) e a prática do *Ijime* (ações associadas ao *bullying*). De acordo com Eryk Salvaggio (2013) o *ijime* pode ser descrito como uma violência psicológica coletiva, e que pode apresentar violência física, de uma classe inteira contra uma vítima em específico, onde também aponta como um costume a identificação de um “aluno bode expiatório” que geralmente são alunos mais vulneráveis e com diferenças do “padrão normativo”. O filme retrata bem o *ijime* em cenas que a classe persegue e violenta tanto Shōko quanto Shōya, onde também demonstra em cenas o “papel de bode expiatório” de Shōya.

No que tange à composição familiar dos protagonistas, o filme não explora tanto essa perspectiva, mas revela informações valiosas para análise. Ambas as famílias apresentam mães solo com dois filhos, onde as mesmas são responsáveis pela renda, manutenção da casa, desenvolvimento dos filhos e outras atividades importantes. Oliveira (*et al.*, 2015), em sua pesquisa, levantam dados acerca da composição familiar e a relação com o *bullying*, expondo uma relação de probabilidade em filhos de pais solo terem maior envolvimento com o *bullying*, tanto como agressor quanto como vítima, visto que os pais costumam ter menos tempo para investir na relação com os filhos, acompanhar, supervisionar e apoiá-los ativamente pelas vulnerabilidades sociais e financeiras geradas pela situação.

Matos (*et al.*, 2020) em seu estudo também revela uma relação entre família e *bullying*, na construção e manutenção do fenômeno, existindo a possibilidade da construção de fatores protetivos da família na autoestima da criança, podendo ser vital para a formação de crianças aptas a quebrarem o ciclo de violência, sejam agressores ou vítimas. Isso está relacionado a crianças com um melhor relacionamento com a família tendem a denunciar com maior frequência atos de *bullying*, onde também existe a possibilidade de mudança entre atitudes de agressores, com base no fator que em alguns casos os agressores “justificam” seus abusos como sinônimo de ser aceito por determinado grupo ou comunidade (Olweus, 1978).

A animação japonesa também destaca os esforços de Shōko para ser aceita como parte da comunidade, sempre tentando formar amizade apesar das violências, como visto na cena que Shōko está limpando os xingamentos escritos na carteira de Shōya e logo em seguida o mesmo a agride (A Voz do Silêncio, 00:20:45). A animação apresenta várias cenas em que a garota pede desculpas por algo, mesmo que não seja sua culpa ou que ela seja a vítima da situação. Mesmo após o episódio que Shōya machuca sua orelha a ponto de sangrar, ela pede desculpas ao garoto e diz que quer ser sua amiga (A Voz do Silêncio, 00:14:45), e que mesmo na adolescência a garota se esforça para se “encaixar” e contornar os desafios da sua surdez. Entretanto, pode-se interpretar que por consequência do *bullying* ou pressão social, a mesma

enxerga-se como parte do problema e constantemente está pedindo desculpas, como visto na cena da sua conversa com Nagatsuka que a mesma diz que “quer reparar o que destruiu” ficando ambíguo qual época ela está falando, da infância ou adolescência (A Voz do Silêncio, 01:45:25).

As consequências e a dor da garota por sofrer *bullying* por ser surda são muito bem explicitadas no filme, como na cena em que Shoko é convidada por Ueno para rodar na roda gigante e a Ueno humilha a garota, a colocando como o problema principal, que por culpa dela as coisas mudaram e o Shoya começou a sofrer *bullying*, e assim, Shoko afirma que se odeia (A Voz do Silêncio, 01:17:39). Como foi supracitado, as vítimas de *bullying* têm sua autoestima minada, e o filme consegue registrar o sentimento de culpa das vítimas, e como isso influencia a manutenção do ciclo do *bullying*. Ainda como consequência, a animação traz cenas de como o fenômeno afeta a saúde mental e o ambiente familiar da garota, como na cena em que sua irmã, Yuzuru, admite para a sua mãe que tirava fotos de animais mortos e prega pela casa como tentativa de mudar os pensamentos da irmã de tirar a própria vida (A Voz do Silêncio, 01:44:09).

Como citado anteriormente, a protagonista sofria com pensamentos suicidas como consequência do *bullying*, as consequências somadas com a morte da sua avó, resultam em uma tentativa de suicídio. A tentativa da garota de se jogar do alto do prédio é impedida por Shoya, que a segura pelo braço e esforça-se a puxá-la de volta para a segurança, porém o garoto cai do prédio nesse processo, onde Shoya salva Shoko, mas devido aos ferimentos entra em um estado de coma (A Voz do Silêncio, 01:38:54). Como visto na obra de Olweus (1993), o filme consegue demonstrar as consequências para a vítima de forma explícita, o isolamento, os prejuízos financeiros, pensamentos suicidas e tentativas de suicídio, bem como também é demonstrado as consequências no âmbito familiar, na cena em que Yuzuru conversa com sua avó sobre a matriarca não se cuidar e se preocupar apenas com a neta mais velha, que rebate que caçula da família também fazia o mesmo, inclusive causando a evasão escolar (A Voz do Silêncio, 01:24:41).

Retornando ao que foi citado sobre o início do filme, podem ser observadas as consequências psicológicas para o agressor, como a cena inicial que Shoya planejava cometer suicídio atirando-se da ponte. Olweus (1993) também relata as consequências para os agressores, entre elas estão presentes no filme: problemas e dificuldades em manter ou desenvolver relacionamentos afetivos e sociais, sintomas depressivos, ansiogênicos e evitativos. A diretora do filme consegue transmitir os sentimentos de Shoya através de cenas com a sua tentativa de suicídio e cenas que apresentam comportamento de isolamento social e

evitativo, onde são marcados em vários momentos em que o protagonista enxerga um “X” no lugar do rosto das pessoas, e propositalmente o jogo de “câmeras” é marcado pela “visão” do garoto, onde sempre está olhando para o chão, para pés e pernas ou para o cenário distante.

O fator causa-efeito desse comportamento é revelado ao final, onde o garoto explica que não se sente bem na escola e não consegue olhar nos olhos das pessoas (demonstração de pensamentos acerca da evasão escolar ou ódio a escola) fruto de ser excluído por ser marcado como um agressor e pelos sentimentos de culpa pelo passado (A Voz do Silêncio, 01:59:00). Os sentimentos de culpa e autorresponsabilização são demonstrados de forma significativa no filme, principalmente na cena em que ao reconstruir amizades o mesmo se questiona no parque de diversão se era merecedor dessa felicidade (A Voz do Silêncio, 01:12:39), revelando que o sentimento de culpa o consumia a ponto de não ser digno de felicidade, passando um sentimento de desvalorização e depressão. Essa cena do filme remete a consequências como constata a pesquisa de Granado (*et al.*, 2021), que agressores/vítimas desenvolvem e demonstram prevalência de sintomas depressivos.

Essas consequências também são relatadas no mundo real, como revelado na matéria “*Japan’s worst day for teen suicides*” realizada pelo jornal *CNN World* (2015), que relata sobre as consequências do *bullying* no Japão, mostrando que as taxas de suicídio aumentam entre os alunos especificamente no dia primeiro de setembro de cada ano - a data é demarcada como a volta às aulas no país. A matéria também elenca como consequência a evasão escolar e a depressão. Na época da matéria, o Japão era o país com maior número de suicídios de pessoas na faixa etária de 15 a 39 anos. Esses dados demonstram a importância do debate e da construção de intervenções do *bullying*, bem como filmes e outros meios que possam fomentar o debate e a reflexão, como o caso de “A Voz do Silêncio”.

Ao final, o filme demonstra os frutos do trabalho de reconciliação e autoperdão levantados pela autorresponsabilidade de Shoya, que sempre enfrentou a culpa e não desviou-se da sua responsabilidade. O autor Robert Enright (2001), conhecido por ser o psicólogo pioneiro nos estudos do perdão, relata que a autorresponsabilização é uma etapa inicial e essencial no processo de perdão, tanto do outro quanto de si mesmo. Esse estágio envolve o reconhecimento do erro e o desejo genuíno de reparação. Na animação japonesa, essa etapa é evidenciada na cena em que Shoya decide devolver o caderno de Shoko, anos após tê-lo destruído durante os episódios de *bullying*, onde é revelado que o mesmo aprendeu a língua de sinais para se comunicar com a menina, mesmo sem a vê-la por anos (A Voz do Silêncio, 00:24:20).

Worthington em suas obras (2003; 2006) define o autoperdão como um processo que envolve aceitar a responsabilidade pelos próprios erros, aliviar a culpa e promover ações que restabeleçam o equilíbrio emocional. O filme retrata esse processo de forma linear durante todo o tempo de tela, chegando aos momentos finais que Shoya consegue admitir seus erros e pedir perdão a Shoko, mesmo depois de quase morrer para salvar Shoko, onde não só pede perdão a garota, mas também firma seu voto de amizade (A Voz do Silêncio, 01:52:05). Ainda na cena citada, o protagonista pede a garota que lhe ajude a continuar vivendo, que consegue entender a situação dela e que também pensava em morrer, mas chegou a conclusão que não valeria a pena cometer suicídio, pois ela (e seus amigos que construiu ao longo do filme) também eram motivos para continuar vivendo (A Voz do Silêncio, 01:53:17).

Assim posto, a animação consegue cinematografar a mensagem do quão importante é ver as perspectivas *bullying* e suas consequências como algo multifatorial e que há prejuízos para ambas as partes, que apesar dos seus atos, os agressores são pessoas que também sofrem e que precisam de ajuda, onde deve haver um ambiente propício para que possam passar por uma jornada de autoperdão e reconciliação, evitando danos permanentes e a recuperação não só das vítimas, mas também dos agressores. O longa também mostra a importância da rede de apoio e o desenvolvimento de laços como fator protetivo tanto a vítimas como agressores, resultando nas cenas finais do filme em que Shoya consegue se perdoar e permitir-se olhar nos olhos das pessoas, voltar a ouvir e perceber os seus arredores, em sentir o ambiente, em pedir perdão às pessoas e reatar laços, onde é marcado por uma explosão de emoções e choro (A Voz do Silêncio, 02:04:18).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve como premissa a análise do filme *A Voz do Silêncio: Koe no Katachi*, e para a sua análise, foi importante conhecer os diversos temas explorados pela diretora no longa. Com a premissa de entender melhor o fundo cultural e as reflexões levantadas pelo filme, fui à procura e o aprofundamento de temas-chaves destacados nas cenas, desde questões como o desenvolvimento de fatores filmográficos ao estudo do fenômeno do *bullying* no Brasil e no Japão. A revisão bibliográfica alinhada com a análise fílmica permitiu o atravessamento em diferentes temas sensíveis e estudos que são importantes para a área da educação e psicologia, tornando-se de grande valia para entender o fenômeno do *bullying* e suas consequências não só para vítimas, mas também para agressores.

Desta forma, durante a pesquisa destacaram-se temas importantes como a inclusão da pessoa com deficiência, o papel da escola na inclusão e combate ao *bullying*, a importância da família no cenário do combate ao *bullying*, a importância da escola e da língua de sinais como fator de desenvolvimento da cultura e identidade surda, as consequências psicológicas para agressores e vítimas, demonstrando a importância do lugar de cuidado ao agressor que também sofre e necessita de cuidados e direcionamentos, bem como a formação psicossocial do agressor, levantada como algo multifatorial e multicausal. Também foi identificado a importância da autorresponsabilização e autoperdão do agressor, e em como o vínculo, o perdão e a reconciliação podem ser ferramentas poderosas na recuperação de agressores.

Por fim, reconheço o papel do filme *A voz do Silêncio: Koe no Katachi* e de trabalhos como esse como fator de incentivo a mais pesquisas e diálogos para visibilizar o agressor no contexto do *bullying*, algo frequentemente negligenciado por muitos que focam apenas nas vítimas. Ao abordar a trajetória de Shōya Ishida, foi possível adentrar em uma reflexão sobre as complexas influências sociais e psicológicas que moldam o comportamento agressivo, convidando à construção de abordagens mais empáticas e integradas nas estratégias de prevenção e intervenção.

Além disso, ao explorar a figura da pessoa surda e a inclusão escolar, a pesquisa ampliou minha visão sobre as múltiplas camadas de exclusão e preconceito, promovendo um olhar mais atento sobre as dificuldades enfrentadas por esse grupo. Esse trabalho foi significativo no meu aprendizado, pois me desafiou a olhar para o *bullying* não apenas como atos isolados de violência, mas como um fenômeno social complexo que exige compreensão, diálogo e ações concretas. Ele reforçou a necessidade de uma abordagem mais humana e integradora, capaz de promover a reparação e o perdão, ao mesmo tempo em que reconhece o papel vital da educação e do apoio psicológico na transformação social.

REFERÊNCIAS

- A SILENT Voice Original Soundtrack: A Shape of Light. Intérprete: Kensuke Ushio. Compositor: Kensuke Ushio. Intérprete: Kensuke Ushio. Japão: Pony Canyon, 2016.
- A VOZ do silêncio: Koe no Katachi. Direção: Naoko Yamada. Produção: Toshio Iizuka. Roteiro: Reiko Yoshida. Japão: Kyoto Animation, 2016. Digital, son. color. Legendado. Português.
- American Psychological Association. APA Dictionary of Psychology, 2018. Disponível em: <https://dictionary.apa.org/>. Acesso em: 25 set. 2024.
- ANCHIETA, E. V. B. SUICÍDIO E SURDEZ: A SAÚDE MENTAL NÃO ACESSÍVEL: <https://doi.org/10.29327/211653.6.6-1>. **Revista Ibero-Americana de Humanidades**,

Ciências e Educação, [S. l.], v. 6, n. 6, p. 01–13, 2020. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/108>. Acesso em: 12 nov. 2024.

ARAUJO, A. A. de; SILVA, J. P. da. Surdez e Preconceito: uma Análise a partir da Percepção dos Pais de Surdos. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 1-20, ago. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202020000200006&lng=pt&nrm=iso. acessos em 08 nov. 2024.

AUMONT, J. MARIE, M. **L'analyse des films**. 2. ed. Paris: Nathan, 1999.

BARROS, P. C. *et al.* Um estudo sobre bullying no contexto escolar. In: Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, IX., 2009, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: PUCPR, 2009. Disponível em: www.educere.br. Acesso em: 4 jun. 2024.

BRANDÃO NETO, W. et al. Formation of protagonist adolescents to prevent bullying in school contexts. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, e20190418, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0418>. Acesso em: 19 nov. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 7.611**, de 17 de novembro de 2011.

BRASIL. **Decreto-Lei Nº13.185**, 6 de Novembro de 2015.

BRASIL. **Decreto-Lei Nº 5.626**, de 22 de Dezembro de 2005.

BRASIL. **Lei Nº 10.436**, de 24 de Abril de 2002.

BRASIL. **Lei Nº 13.146**, de 6 de julho de 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. **Declaração de Salamanca**: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Brasília, DF: UNESCO, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2024.

CAPPELLINI, M. T. et al. Escola e Família: Uma Relação de Corresponsabilidade na Educação Bilíngue para Surdos. **Interletras**, Dourados, MS: Unigran, ed. 36, ano 2023, Disponível em: <https://www.unigran.br/dourados/revistas/interletras?trabalho=113>. Acesso em: 12 nov. 2024.

CASTRO JÚNIOR, G. Cultura surda e identidade: estratégias de empoderamento na constituição do sujeito surdo. In: ALMEIDA, W. G. (org.). **Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente**. Ilhéus, BA: Editus, 2015. p. 11-26 ISBN 978-85-7455-445-7. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/m6fej>. Acesso em: 8 nov. 2024.

CORDEIRO, N. A. **A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA LIBRAS NO BRASIL**. Orientador: Heber Allison Lima Felinto. 2021. TCC (Especialização) - Curso de Libras, Instituto Federal de Educação, PATOS - PB, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ifpb.edu.br/handle/177683/1323>. acesso em: 06 nov. 2024.

DOI, Nobuaki. INTERVIEW: Director Naoko Yamada On ‘A Silent Voice,’ Now In U.S. Theaters. In: **Cartoon Brew**. [S.l.]. 24 out. 2017. Disponível em: <https://www.cartoonbrew.com/anime/director-naoko-yamada-silent-voice-now-u-s-theaters-154199.html>. Acesso em: 21 nov. 2024.

ENRIGHT, R. D. **Forgiveness Is a Choice**: A Step-by-Step Process for Resolving Anger and Restoring Hope. APA LifeTools, 2001.

- FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- FREIRE, T. C. R. F. Bullying contra surdos: fenômeno produtor de sentidos. In: IV FIPED, 2012, Campina Grande. Anais [...]. Campina Grande: **Realize Editora**, 2012. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/570>. Acesso em: 12 nov. 2024.
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2002.
- GRANADO, L. N. *et al.* Prevalência de sintomas depressivos em adolescentes agressores e vítimas de Bullying. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 6027–6049, 2021. DOI: 10.34119/bjhrv4n2-161. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/26712>. Acesso em: 22 nov. 2024.
- GUIMARÃES, V. *et al.* Bullying, apoio social e sentido de vida: relato de discentes surdas. **Revista Sinalizar**, Goiás : UFG, ed. 6, ano 2021, Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/issue/view/2253>. Acesso em: 12 nov. 2024.
- KARNOPP, L. Produções culturais em língua brasileira de sinais (Libras). **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 48, n. 3, p. 407-413, jul./set. 2013. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/12616/9930>. Acesso em: 06 nov. 2024.
- LIMBER, S; *et al.* **Dan Olweus (1931–2020)**. *American Psychologist*, v. 76, n. 5, p. 810, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/amp0000824>. Acesso em: 12 jun. 2024.
- MACHADO, M. Bullying em contexto escolar: Uma proposta de intervenção. **Psicologia.pt - O Portal dos Psicólogos**, [s.v], [s.n], p. 1-22, 2011. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0577.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2024.
- MATOS, V. J. A. *et al.* Autoestima e bullying: uma revisão integrativa. **Revista Educar Mais**, v. 4, n. 3, p. 577-590, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15536/reducarmais.4.2020.1904>. Acesso em: 19 nov. 2024.
- MEZZALIRA, A. S. da C. *et al.* **Os desafios e as estratégias da psicologia escolar no enfrentamento do bullying**. *Psicologia Escolar e Educacional*, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392021237016>. Acesso em: 22 nov. 2024.
- MONTEIRO, C. M. *et al.* Pessoa com deficiência: a história do passado ao presente. **Revista Internacional de apoyo a la inclusión, logopedia, sociedad y multiculturalidad**. Jaén: Universidad de Jaén, ed. 2, ano 2016, n. 3, p. 221-233, 29 set. 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5746/574660899019/html/>. Acesso em: 6 nov. 2024.
- MY Generation. Intérprete: The Who. Compositor: Pete Townshend. In: The Who Sings My Generation. Intérprete: The Who. EUA: Brunswick Records, 1965. Digital, (3:28 min).
- NAPOLI, D. J. *et al.* **Should all deaf children learn sign language?** *Pediatrics*, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1542/peds.2014-1632>. Acesso em: 22 nov. 2024.
- OLIVEIRA, W. A. de. *et al.* **Interfaces entre família e bullying escolar: uma revisão sistemática**. *Psico-USF*, v. 20, n. 1, p. 121-132, jan. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200111>. Acesso em: 19 nov. 2024.
- OLWEUS, D. **Bullying at School: What We Know and What We Can Do**. Cambridge: Blackwell, 1993.

RODRÍGUEZ DÍAZ, A. del C; MEJÍA MOREU, Y. K. Bullying: un fenómeno por transformar. Duazary: **Revista Internacional de Ciencias de la Salud**, v. 9, n. 1, p. 98-104, jun. 2012. ISSN 2389-783X; 1794-5992. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4729420>. Acesso em: 19 nov. 2024.

SALVAGGIO, E. On Being Bullied in Japan. In: **This Japanese Life**. 12 jun. 2013. Disponível em: <https://thisjapaneselife.org/2013/06/12/japan-ijime-bullies/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

SILVA, L. O. **ADAPTAÇÃO DA ESCALA DE COPING DE BILLINGS E MOOS (ECBM) PARA SURDOS: UM ESTUDO PILOTO**. Orientador: Heloisa Bruna Grubits Freire. 2016. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO (UCDB) , CAMPO GRANDE-MS , 2016. Disponível em: <https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/21900-final.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2024.

SOUSA, M. de N. da S. *et al.* CULTURA SURDA. **RACE - Revista de Administração do Cesmac**, Maceió, ed. 10, ano 2021, p. 123-132, 5 jan. 2021. Anual. Disponível em: <https://revistas.cesmac.edu.br/administracao/issue/view/83>. Acesso em: 8 nov. 2024.

VANOYE, F. GOLLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas: Papirus, 1994.

VIÑAL JUNIOR, J.V.; BENTO, A. K. S. O. Reflexões Sobre a Educação Inclusiva de Alunos Surdos. **Revista Sinalizar**, Goiás : UFG, ed. 5, ano 2020, 9 nov. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/60300/35542>. Acesso em: 12 nov. 2024.

WORTHINGTON, E. L. **Forgiving and Reconciling: Bridges to Wholeness and Hope**. InterVarsity Press, 2009.

WORTHINGTON, E. L., Jr. **Forgiveness and reconciliation: Theory and application**. Routledge/Taylor & Francis Group, 2006.

WRIGHT, R. Japan's worst day for teen suicides. **CNN World**, 1 set. 2015. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2015/09/01/asia/japan-teen-suicides/>. Acesso em: 21 nov. 2024.